

COLONOS

FLAVIO M. DE TOLEDO PIZA

Antes de se declarar a crise que ora atravessamos, os lavradores cá da Noroeste pagavam ao colono, por anno, de quinhentos mil réis para mais pelo trato de mil pés de café. Cuidando, em media, de 3.000 pés — porque as familias aqui, em geral, são pequenas e inafeitas ao trabalho, devido á sua extrema instabilidade — tinham os colonos uma mesada de 125\$000, com que se podiam manter, inclusive nos mezes anteriores á colheita, em que, não tendo colhido ainda os seus mantimentos plantados, mais necessario se tornava esse ordenado.

Mas, si esses tempos não eram de todo máus para o operario, o mesmo não se podia dizer do fazendeiro. Em primeiro lugar, pagando 500\$ por anno, estava pagando nada menos de 100\$ por uma capina, porquanto um colono não dava mais do que quatro capinas no tempo em que ia de outubro ou novembro (quando elle terminava as suas plantações do novo anno) até a “coroação”. Terminada a colheita, fazia a “esparramação”. Durante a colheita não capinava. Si algum café sujasse muito o fazendeiro tinha que soccorrê-lo á sua custa. Nunca replantou, nunca estercou, nunca desbrotou um pé de café. Do colono, exigia-se que capinasse mal-e-mal o seu talhão, nas horas que suas plantações lhe deixassem vagas. Acrescente-se que havendo falta ⁽¹⁾ de braços, o operario vivia mimado como um mascotte: tinha mudança de graça, adeantamentos, presentes, etc., verbas que o lavrador jamais se lembrou de escripturar em accrescimento dos 500\$ das capinas.

Allegava-se que com o colono podia-se fazer a colheita por menor preço. Engano. Não só os favores absorviam a differen-

(1) Não ha falta de braços. O que havia era uma pavorosa inefficiencia do operario. O ordenado sendo grande e o trabalhador sem ambição, este trabalhava pouco, o que levava o lavrador a precisar do dobro de operarios para o mesmo serviço. Para poder justar esse dobro elle subia o preço do trabalho, o que ocasionava menor esforço de cada trabalhador, e nova necessidade de augmentar o seu numero.

ça que houvesse, como o operario se aproveitava do facto de — não podendo colhêr em tempo com uma colonia sempre mediocre — os fazendeiros justarem empreiteiros a quem pagavam sempre mais por sacco colhido. Ficava como colono até as vesperras da colheita e, nesse dia, si apezar de todos os abusos propositaes, o fazendeiro não o tocasse de casa, elle ia, sob qualquer pretexto e á hora que entendesse, sêr empreiteiro na fazenda do vizinho, onde, por sua vez, terminada essa colheita, ficaria como colono até vésperas da outra. Ao saír o fazendeiro ficava com a “garantia” do homem: — uma mesa de caixão de gasolina, um colchão de palha e, ás vezes, as panéllas, isto é, latas de banha vasias.

Não ha exaggêro. Havia excepções, mas, em geral, o caboclo que aquí chegava vinha do Norte com um sacco ás costas e assim vivia: — dois mezes aquí, seis acolá, uma semana além. Nunca chegava, nem jamais ambicionava possuir a mais modesta mobilia. Algumas mudanças eu orçava em 10\$. E fazendeiros havia que eu vi pagarem 300\$ para um caminhão ir buscar em Novo Horizonte, ou Araçatuba, ou Marilia uma tralha desse valor.

E o lavrador que não satisfizesse todas as exigencias do candidato a colono ficava com a fazenda vazia, porque o vizinho na certa, se derreteria por esse mesmo homem, dando ainda mais do que pedisse.

Naquelle tempo, por aquelles preços, o custeio de um cafésal ficava caro. As insufficientes 4 ou 5 capinas de uma fazenda de 200.000 pés ficavam em cerca de cem contos de réis, além das mudanças, ajutorios, adeantamentos perdidos, etc.

Mas si o colono então não prestava por ganhar muito, hoje, após a crise, depois que o lavrador está ás portas da miséria, continúa a não prestar por ganhar muito pouco.

Houve, em reunião de lavradores, quem falasse em pagar 120\$, mas o que prevaleceu foi o preço de 150\$ por mil pés. O colono que tratar dos mesmos 3 mil pés, actualmente, recebe em cada mez do anno agricola — 37\$500. Ora, é necessario ser economico, mas é preciso não ser cégo. Uma familia de homem, mulher e duas ou tres crianças miudas (é a familia média aquí) não vive em absoluto com aquella quantia. S

no tempo bom o caboclo vivia opilado e desnutrido, hoje, com aquella mensalidade, difficilmente conseguirá se alimentar. Fazemos o calculo do que pôde gastar em um mez uma familia de homem, mulher e duas ou tres creanças miudas, familia incapaz de tratar mais de 3 mil pés, porque a mulher não trabalha, dizendo precisar olhar os filhos.

Assucar	10 ks.	6\$000
Sal	1 k.	\$400
Arroz	15 lts.	7\$500
Trigo	1/2 arroba	6\$000
Feijão	6 lts.	1\$200
Far. mandioca	6 lts.	2\$400
Fumo		5\$000
Phosphoros		2\$000
Banha	2 latas	12\$000
Somma		42\$500

Já estourou a sua mezada de 37\$500. E falta o café para bebêr. Falta a carne. E kerozene para a lamparina? E o alho e a cebola para o tempêro? E o sabão para lavar as panéllas, a roupa e o corpo? E a roupa? Responderão — comprará na colheita. Mas o medico? a pharmacia? um internamento na Santa Casa, que aqui custa 50\$000? um accidente? uma morte? um parto?

Si o lavrador adeantar dinheiro nestes casos para reaver na colheita, pode contar que é dinheiro perdido e colono de menos. Si não adeantar é uma deshumanidade. Si dêr de presente, já não estará pagando mais 150\$, mas sim 300\$ ou 400\$.

Si o colono não vive com o que ganha e o lavrador não pode pagar mais, só ha uma saída visivel: — é o pagamento por capinas, já adoptado em alguns logares das zonas velhas. Em vez de pagar 150\$ por anno, para o colono dar, supponhamos, 6 capinas, o fazendeiro pode pagar-lhe 25\$ por capina. O homem que capinar os 3.000 pés que tomamos como base, terá não mais 37\$500, mas sim 75\$ por mezada. Com essa quantia sua vida já se torna mais toleravel e o fazendeiro pôde livrar-se de adeantamentos contraproducentes.

O colono ficará sem mezada durante a colheita. Mas terá nessa ocasião o ordenado de colhedor. Seus mantimentos já estarão colhidos e sua manutenção muito reduzida. Os peiores mezes são os que precedem a colheita dos cereaes. E esse lapso foi varado sem o operario dever. A colonia, já tem, portanto, outra garantia de estabilidade.

Lavradores ha que allégam que este regimen não retem o colono para a colheita. Como resposta basta perguntar si o outro systema segura alguma cousa. O colono sáe á hora que bem entende, porque não ha nada facil como forçar o lavrador a despedil-o. E no regimen de 150\$ por anno, com mezada de 37\$500, é quasi fatal elle saír devendo, ou melhor, saír por estar devendo. Bastam um chamado medico e o aviamento de uma receita para enterrar o homem de uma vez.

Ha, no pagamento por capina, o inconveniente do fazendeiro precisar desembolsar a mesma quantia em metade do anno, em vez de o fazer nos doze mezes. Mas não ha como evital-o.

Acho que não é do lado do colono que o lavrador pode procurar desapertar-se de suas torturas financeiras. Essa fonte está completamente exgottada, e só vantagem haveria em procurar dar ao operario — ainda que elle, no geral, seja mediocre — alguma cousa mais do que se lhe dá actualmente. Ha muitas outras “bicas” de que o lavrador não cogita muito, mas que deixam a perder de vista os magros salarios dos nossos broncos matutos. E’ que, como Le Bon sempre assignála, uma grande taxa indirecta é muito menos dolorida do que uma pequena “sangria” que atinja o bolso do individuo directamente. Além disso as “taxas” do café recáem, amortecidas, sobre os milhares de saccas de uma safra, ao passo que os pagamentos aos colonos se fazem em doze “puncções”, e ahi reside a causa que leva o fazendeiro a achal-as insupportaveis.

Ahi vão algumas das verbas que pesam sobre os hombros de um fazendeiro de café, possuidor de 200 mil pés, produzindo uma média de 80 arrobas por mil cafeeiros, ou sejam 4.000 saccas annuae: (1)

(1) Não se levaram em consideração outras verbas do custeio como transporte, secca, beneficio, machinas, caminhos, adubação, replante, etc., que são indispensaveis e que nada tem que vêr com as nossas considerações.

Colonos a 150\$	30:000\$
Colheita de 12000 s/ côco 2\$	24:000\$
4.000 s/ vasio a 2\$700 (1)	10:800\$
Frete a 10\$	40:000\$
Cinco francos — \$639	12:780\$
Mil réis ouro — 8\$700	34:200\$
Quinze shillings — 55\$033 (2)	220:132\$
9 % ad valorem — 12\$	48:000\$
Total	419:912\$

Em vêz de passar os dias ajoelhados aos pés dos governos á espera de “salvações” miraculosas, a lavoura devia fazer duas cousas: 1.º — aprender de uma vez por todas, que não ha governo que faça cousa alguma melhor que o particular e que nada o Estado faz de graça. Pelo contrario, seus honorarios são de esfolar, como o demonstram o quadro acima e o estado actual da lavoura “valorizada”. 2.º — ella precisa procurar obter um “abatimento” de 1\$ no frete, 1\$ no sacco vasio (nem que seja importando-o) 3\$ dos 15 shillings, 1\$ da taxa de exportação ou do mil réis ouro (3). Teria assim 6\$ por sacca, o que, no caso em apreço, daria a somma de 24:000\$. Juntando essa quantia aos 30:000\$ que já paga ao colono, o lavrador poderia elevar os contractos annuaes até a 270\$ por mil pés. O colono viveria mais folgado o que o tornaria mais estavel.

A lavoura precisa compreender que neste rumo em que enveredou o fim é o aniquillamento. Paga centenas de contos de “valorisação” e fica em apuros para capinar seus cafeeiros!

Fazer agricultura racional, isto é, produzir bastante e vender o mais barato possivel, é cousa que ainda não entrou na cabeça do brasileiro, porque assistimos no momento o contrario de tudo isso.

Flavio M. de Toledo Piza

(1) E' evidente que os 15 shil. são do productor, embora quem o pague ao Conselho seja o intermediario exportador: — “do couro são a correia”, diz o caboclo.

(2) O preço do sacco vasio a 2\$700 é fructo da protecção á “nossa” industria de juta importada.

(3) O Instituto está com sobra de renda, tanto que está fazendo emprestimo ao Banco do Estado.